


### Formação do imaginário na obra “*O ano em Pigafetta completou a circum-navegação*”

### Formation of the imaginary in the work “*The year Pigafetta completed the circumnavigation*”

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-125>

#### Mariene de Fátima Cordeiro de Queiroga

Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba com experiência em pesquisa, ensino de português e estudos literários. Atualmente é docente na Hankuk University of Foreign Studies.

E-mail: marienecqueiroga@hotmail.com

#### RESUMO

O presente trabalho propõe uma leitura da formação dos sujeitos nos espaços de socialização da obra *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013), de Luís Cardoso. Pretende-se investigar o drama dos personagens exilados, como eles se posicionam, a partir de que valores, desejos e até mesmo a do próprio autor em seu modo de narrar, ao reter certas coisas, silenciar e adicionar outras no jogo da escrita. Ressalta-se que os fatores ideológicos poderão influenciar e encobrir a cumplicidade do autor com seus personagens, à revelia conservadora dos bens de produção da cultura imposta pela ordem das relações de poder colonial. O texto busca apoio teórico em Bachelard (1988), Agamben (2010), dialogando com outras áreas do conhecimento interdisciplinar. A análise da narrativa Luís Cardoso nos mostra que a tensão entre a autonomia como característica da modernidade face à preceitos convencionais, a luta para a construção da consciência de minoria e a conquista de novos territórios resiste, na maioria das vezes, através da linguagem e da transgressão de normas e valores.

#### 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Certos espaços são capazes de levar-nos à sublimação do desejo e, por via de consequência, sensações de uma decepcionante dicotomia entre o real e a imaginação. Na potência dessa ambivalência,

**Palavras Chaves:** Literatura, Formação, Identidade, Socialização, Timorese.

#### ABSTRACT

This work focuses on analyzing the formation of spaces for socialization in the book *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, by Luís Cardoso. It is intended to investigate how the characters position themselves, based on what values, desires and even the author's own way of narrating, by retaining certain things, silencing and adding others in the writing game. It is noteworthy that ideological factors may influence and cover up the author's complicity with his narrators in the conservative absence of the cultural production goods imposed by the order of colonial power relations. The text finds theoretical support in Bachelard (1988), Agamben (2010), dialoguing as well with other areas of interdisciplinary knowledge. The analysis of the Luís Cardoso narrative shows us that the tension between autonomy as a characteristic of modernity in the face of conventional precepts, the struggle for the construction of minority consciousness and the conquest of new territories resists, in most cases, through language and transgression of norms and values.

**Keywords:** Literature, Formation, Identity, Socialization, Timorese.

<sup>1</sup> Trabalho adaptado de: QUEIROGA, Mariene de Fátima Cordeiro de. O imaginário na obra de Luís Cardoso (2022). Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53709>.

nosso propósito é fazer a leitura dos ambientes e lugares da obra *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*<sup>2</sup> de Luís Cardoso, por uma atenta focalização na personalidade narrativa que transita o texto. Quando falamos de leitura, falamos também de toda fala que sugere o ambiente ao redor da obra. Ambicionamos salientar certos traços do imaginário plástico e talvez político que tem assegurado o sucesso do quinto trabalho de ficção desse autor. Ao mesmo tempo, dar visibilidade a produção artística como processo de formação e socialização dos diferentes modos de vida na obra.

Luís Cardoso nasceu em 1958, em Cailaco, interior do Timor-Leste. Apesar de morar em Portugal desde 1975, ano da independência do país e sucessiva invasão indonésia, a sua terra natal é referenciada em todos os seus romances. A localização de seus personagens no território timorense faz brotar em seus textos um imaginário rico de fantasias e histórias criadas por um olhar nativo em exílio, que vê a cultura maubere de fora e a assimilacoma outras influências culturais.

A fantasia central do autor parte das lembranças e experiências da infância e da adolescência no Timor-Leste, bem como do seu engajamento para a libertação do país da possessão estrangeira. A obra *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* é uma narrativa de multidão que retrata e dá voz aos diversos modos de vida, tanto dos que resistiram e lutaram contra a integração ao território indonésio, quanto aos que prosseguiram suas vidas nesse período histórico.

Dito isto, o imaginário criativo tanto do escritor quanto do leitor potencializa os espaços para a gestão de uma memória cultural ficcionalizada. Tal é a sorte que a imaginação do escritor transfigura e coincide com a do próprio personagem e da aura que deste irradia na obra. O que não elimina, porém, toda sombra do princípio de realidade mimetizada. Talvez a música da escrita se conquiste a este preço. Nosso trabalho terá como principais apoios teóricos os estudos sobre o imaginário de Bachelard (1988), Joachim (2010), assim como os recursos psicanalíticos de Bellemin-Noel (1978) e as reflexões de matriz política de Agamben (2010).

## 2 A OBRA E OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS

Em *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* é uma sandália que conta a história de Timor-Leste e que vai precisamente pegar nos pés de uma jovem timorense, a Carolina, filha de um integracionista confesso. A sandália narra os acontecimentos e registra o momento em que Pigafetta pede ao primeiro-ministro de Portugal para completar a circum-navegação que, segundo ele, o seu antepassado Antônio Pigafetta não completou. Mas então, “por que te chamas Pigafetta?” Qual é a relação entre os personagens homônimos? – é “uma longa história...” (OPCC, p. 53-63). Sua história começou precisamente com o padre Albino. O Pigafetta timorense é o sacristão de pele clara e traços afeminados, que recebeu este nome em homenagem ao navegador italiano Antônio Pigafetta.

---

<sup>2</sup> A obra será indicada posteriormente pela sigla OPCC, seguida respectivamente da numeração da página.

Foi o sacerdote quem o levou para o internato de Lahane. Uma instituição que tinha por missão acolher os filhos de *malaes* que faleceram durante a ocupação japonesa (...). Padre Albino prometeu-lhes arranjar uma solução. Havia de encontrar um enredo de acordo com as exigências da sua pele. Consultou várias publicações. Localizou-o num livro que trouxe de Macau e que pertencia a D. José da Costa Nunes. Um livro chamado *Relazione del primo viaggio in torno al mondo*. O autor, um italiano chamado Antônio Pigafetta. (OPCC, pp. 53-63)

Os desdobramentos da narrativa nos levam ao momento em que a nau Vitória passa por Timor e inicia-se então a discussão sobre o preço da libertação de um régulo de Balibo e do seu filho, feitos de prisioneiros e depois libertados. O sacristão voltou ao enredo da sua história e teve de explicar tudo de novo:

No princípio era o Fernão de Magalhães (um navegador português). Um marinheiro muito experimentado. Teve um sonho e achava que poderia concretizá-lo. Chegar às ilhas das especiarias indo pelo ocidente. O navegador português não completou a viagem. Foi morto nas Filipinas. Passaram pelo arquipélago das Molucas e chagaram a Timor. Como tinham fome, sequestraram e prenderam na caravela o *liurai* de Balibó com o seu filho e só os soltaram quando os reféns lhes prometeram dar em troca búfalos, cabritos e porcos. (OPCC, pp. 53-63)

O Pigafetta timorense pensa que o navegador Antônio Pigafetta ficou em Timor e, supostamente, escreveu o livro que descreve a viagem da circum-navegação e que é, portanto, descendente do italiano.

A obra conta histórias muito antigas, desde um tempo determinado, sobretudo, da presença portuguesa, mas também histórias que se passaram durante o período da ocupação da indonésia no país. A rádio mencionada na narrativa é o signo da liberdade e abertura para novas conexões e histórias. Como antigamente não tinha televisão em Timor, era precisamente a rádio que ligava o país ao exterior e, de fato, eram histórias que se passavam no mundo todo.

As sandálias fazem, portanto, essa travessia entre o tempo antigo da presença portuguesa e o período do domínio indonésio. De acordo com o próprio autor, é por meio das sandálias, principalmente, que projetamos sob os nossos pés todas as nossas emoções, as esperanças e frustrações que recaem sob os pés. Nesse caso, as sandálias tentam ser uma entidade própria para narrar toda a história de Timor, desde os últimos acontecimentos, que antecederam o referendo, até o pós-referendo no país.

No plano da imaginação e da criação, a escrita de Cardoso surge como possível linha de fuga ou realização tanto pela resistência, quanto pelas formas de regozijo da sublimação dos desejos mediante às circunstâncias políticas e culturais impostas. Os caminhos de uma realidade imaginária suturam a idealização da liberdade em oposição ao espaço real. Para Bachelard (1988), tal é o sonho que traça a dicotomia do real e a expressão da imaginação. Ao que é palpável e visível, a forma do anti-espaço geográfico nasce da imagética do plano de liberdade do personagem timorense pela expressão de imortalidade, de infinitude e de desejo de pertencimento, e busca de sua história e origem.

A leitura do universo literário cardosiano convoca uma variedade de crenças timorenses, na medida em que também articula fenômenos simbólicos que constituem o Pigafetta do Timor. Esse personagem é posto a lidar com a temporalidade de distintos acontecimentos históricos, numa viagem em busca de um

livro que comprove a sua relação familiar com o Pigafetta italiano. Pares opostos resultam em inevitáveis tensões nas relações de parentesco e estrangeiridade, em duplo plano social e político.

É dentro da mundividência de Luís Cardoso que estão conectados efetivamente o social e o político. Dito de outra forma, é um truísmo que a relação entre entes e entidades preside os encontros e desencontros, pois nenhuma imagem, símbolo ou personagem ficam isolados na obra. Por outro lado, a viagem na narrativa desmembra não só os deslocamentos geográficos, como também a medição do tempo que faz diluir fronteiras entre o presente e o passado, a realidade e a ficção, a morte e a vida, e os espaços internos e externos. É, portanto, nessa ambiência que os personagens se constituem tanto pelas lutas para a formação de diferenças, quanto pela resiliência para a realização de novas viagens e descobertas.

Daquilo que vimos, deduzimos que “o paradigma de todos nós é o paradigma do sujeito desejante e, por isso, descentrado, trágico, dilacerado entre as leis do seu desejo e a lei do grupo, do Estado” (GIOVANNETTI, 2003, p.49). Nesse sentido, inferimos duas duplas temáticas: “Sujeito/Desejo” e “Mito/Política”. Convém ressaltar também a onipresença estruturante da segunda dupla no protagonista de Cardoso, uma vez que o ambiente mítico e político se dá na formação de sua respectiva subjetivação.

Os marcadores temporais são, portanto, alegorias simbólicas atravessadas por uma tendência de classificar o mundo das experiências articuladas para a formação do personagem Pigafetta. Na medida em que ele lida com os diferentes tempos e as múltiplas viagens simbólicas, estruturas centrais da trama, mostra a sua condição de resistência e a condição de diáspora do viajante exilado. Muitas dessas viagens atravessam tempos históricos muito diferentes.

A ficcionalização do tempo projetado na memória funde o peregrino capaz de constituir a sua própria história e formar a sua própria identidade. Essa viagem é a grande manobra que abrange a cultura religiosa animista e mítica do oriente com o ocidente. É, portanto, entre partidas e retornos, revisitação de cenários, confrontos e recusas, a forma como libertam-se de seus opressores.

A jornada narrativa une o início e o fim articulados em jogos de sentidos que permite a ligação de mundos diferentes, dos vivos e dos mortos, uma vez que o retorno ao passado só é possível pelo confronto do tempo. A narrativa recupera o diálogo da vida e da morte, e do mito do eterno retorno às tradições. Nesse sentido, “as crenças mitológicas timorenses conservam a ideia de uma origem externa, ou seja, de um povoamento concretizado através de imigrações marítimas sucessivas, passíveis de entrecruzar o cronista italiano e a sua aventura marítima” (D’ALTE, 2020, p. 9). A partir destes apontamentos, sobretudo pela releitura e meditação nos textos Cardoso, infere-se um imaginário subjacente à identidade moderna que se alimenta, de preferência, sem exclusivismo, da memória onírica do mito.

O fim da viagem encerra o capítulo “A circum-navegação”. Dada a ênfase a temática da morte, Pigafetta lida com os antepassados e vive no limiar, cada vez mais tênue, entre a vida e da morte. Ele tem a ilusão de ter encontrado o túmulo do seu antepassado: “para sua surpresa, leu a inscrição por cima da laje.

Dizia aqui jaz Antônio Pigafetta”, “como se verdadeiramente acreditasse no que lá viu escrito”, ele “teve de se amparar nos ombros do bupati para não cair” (OPCC, p. 165).

Em seu Seminário publicado sob o título *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, Agamben (2010, p. 169) reflete a tradição do novo estendida a esses predicamentos e a todos os domínios da cultura, tanto dos saberes como da práxis. Ele declara que a prática “pode colocar em relação aquilo que inexoravelmente dividiu, re-chamar, re-evocar e revitalizar aquilo que tinha até declarado morto”. Abordando o terreno da origem, aludido acima, Agamben responde à pergunta retórica de Pierre Barbéris na sua apresentação do N° 4 da revista *Elseneur* dedicado ao “*Arcaico*”: “Será o arcaico a reserva para a única revolução que ainda não teve lugar, mais uma possibilidade para o presente?”. Temos entendido o retorno ao passado como sendo o retorno às tradições. Similarmente esse retorno tem a ver com que corporificamos, em princípio, ao presente de volta ao passado. Nessa perspectiva, Agamben diz que o tempo presente:

se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo. Arcaico significa: próximo do arké, isto é, da origem. Mas a origem não está situada no passado cronológico: é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. (AGAMBEN, 2010, p.169)

O passado é um germe, é uma potência no duplo sentido de “poder ser” e de “força viva”, como tem dito Agamben (1990). Somando essa imagem do embrião ao dever da trans-missão de que foi a questão acima, ou seja, de missão além dum impróprio limite anterior, cabe à posteridade, que é sempre um presente deslocado, em processo de tornar-se e vir a ser, levar à frente o desafio de revelar e de trazer o passado mediante uma inovação.

De acordo com Bachelard (1988), a imortalidade como figuração da alma humana e a tudo que é invisível, aos sentidos, a anti-matéria, ao espírito, a subjetivação, embarca na esteira da memória, do espírito e do legado humano justaposto à eternidade das contradições de finitude.

É neste sentido que a literatura de Cardoso parte de um duplo engendramento: a dialética da tradição e do novo, a educação e socialização (na formação da identidade de seus personagens) e a criação de uma realidade no plano da imaginação tanto de quem a produz, o autor, quanto de quem a acompanha, na leitura dos acontecimentos, e sonha junto com o escritor. A escrita cardosiana tem muito a contribuir neste aspecto.

### **3 OS SUJEITOS E OS ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO**

A íntima relação da Literatura com os Estudos Socioculturais mobiliza a produção de práticas e hábitos constitutivos no processo civilizatório dos personagens da obra de Cardoso. Tal processo valida não somente a diversidade engendrada e operada pelos elementos culturais, como refuta outros dispositivos que nutrem a produção artística do autor e a formação da singularidade de sua literatura, bem como a de seus personagens.

Por outro lado, a leitura que fazemos da alteridade do personagem Pigafetta são inesgotáveis. O corpo de homem com trejeitos de mulher faz da diversidade desse personagem o índice de resistência contra operações hierarquizantes de poder e violência. As passagens do texto mostram o abuso sexual sofrido por ele quando foi violado por *Sakunar* e obrigado a vestir-se com roupas femininas e a dançar como uma bailarina.

A pele alva do sacristão é também um motivo de sua condição diferença entre os demais. Um aspecto ambíguo e estrutural se faz quando, “aos olhos de Pigafetta, a sua pele aproxima-o do “familiar” italiano e dos europeus. Alguns conterrâneos tentam tirar partido desta evidência e pedem-lhe que trate de papéis que lhes permitem obter uma reforma ou uma pensão de Portugal” (p. OPCC, p. 162). Por outro lado, a pele clara era o signo da dominação introjetada do colonizador, causa de revolta para Sakunar, que “insultava os *malaes*, a quem culpava pela tragédia de Timor”. Para exercitar essa animosidade, era o sacristão Pigafetta, que, pelo facto de ter uma pele mais clara, pagava pelos ausentes” (OPCC, pp. 51-52).

A diversidade de Pigafetta potencializa, portanto, suas singularidades, e a consciência das diferenças, muitas vezes, é dada nas relações sociais de resistência à recusa dessa diversidade. A questão da identidade de Pigafetta é apresentada não como ideal normativo, categorizado historicamente, pois não está baseada na permanência e na continuidade como características da personalidade, mas como fluxos socialmente constituíveis de operadores descritivos da experiência (BUTLER, 2003).

Dito isto, as relações de mover revolucionário são marcadas pela convergência entre política, cultura, vida pública e privada. Elas tendem para a formação de múltiplas diferenças de cada personagem, potencialmente, nos períodos de invasões no território timorense. O entendimento da forma como esses engendramentos inspiram e fazem brotar a demanda artística do autor Luís Cardoso, constitui os cenários e os personagens em suas produções.

Sobre isso, Joachim (2010, p. 158) acrescenta que a ambivalência nas personalidades traduz uma “dilaceração entre as três faces do tempo, passado/presente/futuro, em oposição diádica”. Porém, às fronteiras do tempo e espaço restam amiúde difíceis de circunscrever. É necessário questionar, inclusive, as asserções da Psicologia ou da Psicanálise na explicação de todos os fenômenos manifestos na obra de Cardoso e que contabilizam a carência de explicação e, portanto, separar, até certo ponto, a vida do escritor do funcionamento de sua obra.

Concomitantemente a história ficcional de Timor-Leste e de Pigafetta, ambos libertam-se de seus opressores, uma vez que a necessidade de se estenderem no tempo e no espaço é sem limite. Os acontecimentos do passado ficcionalizado no discurso narrativo são a “imensidão que está em nós”. Eles estão ligados a “uma espécie de expansão de ser que a vida referida e que a prudência detém (BACHELARD, 1988, p.190). A formação da identidade da Pigafetta timorense coincide com a formação da sua própria nação. Os percursos de viagem passam pelo desejo de liberdade através do tempo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na narrativa em pauta o autor encena a vivência dos jovens e anciãos em espaços públicos e privados, no contexto de sua produção, por meio de suas experiências vividas e imaginadas da sua terra natal. Nesse sentido, a resistência do autor é tanto a criação do espaço real, quanto a recusa à imposição de identidades no território timorense. É neste sentido que a narrativa *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* pode ser lida como expressão de resistência à revelia conservadora dos bens de produção da cultura subalternizada pela ordem das imposições de poder. A respeito disso, Adelino Gomes<sup>3</sup> faz as seguintes considerações sobre a obra:

Nela se misturam tempos históricos afastados, geografias distantes, guerra e paz, amor e violência, traições e heroísmo, sempre vingança e sempre perdão, numa série de realismo mágico com salpicos de um certo messianismo ... E se é verdade que sobre todo o livro perpassarão ecos desse encontro entre dois pequenos povos misteriosos de um e do outro extremos geográficos, a fina e delicada, mas acerada e arrasadora ironia crítica do autor não deixa de acertar contas com uma certa (não extinta ainda hoje) empáfia de governantes, militares, exilados-transformados em comerciantes e terra-tenentes que a velha potência colonial foi enviada para a mais longínqua (e sempre esquecida) das suas possessões. (GOMES, 2013)

A assimilação cultural e as rupturas de estruturas subalternizantes são intrinsecamente retomadas pela problematização da identidade nacional e política do povo maubere.

Na convergência dos tempos, dois planos evidenciam-se: o real como materialização dos feitos passados e sequências de “*agoras*”; e o plano imaginário, como espaço idealizado. A representação funda o inconsciente pelo conteúdo manifesto e está representado no cerne da literatura.

Falar de imaginação é falar de algo indispensável, a saber, em palavra mítica, análoga aos conteúdos latentes, como num sonho. É esse sonho que impulsiona os agentes escritor-leitor para romper fronteiras, e descobrir novos cenários montados numa espécie de retalhamento e sequência de imagens. Tanto em psicanálise quanto imaginação simbólica as palavras representam, ou seja, substituem, ocupam o lugar de realidades a serem descobertas por trás de sua figuração como uma máscara.

Nesse sentido o texto é semelhante ao sonho. Os espaços em branco do texto e os não ditos sugerem a composição do cenário onírico. Em todo sonho um desejo pulsional tem de ser representado como realizado. A obra literária pensada neste aspecto não é o sonho, mas a fantasia do sonho que povoa a escrita.

---

<sup>3</sup> Sessão de lançamento do livro *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, de Luís Cardoso, no dia 20 de março de 2013. Disponível em: <http://recursos.portoeditora.pt/recurso?id=9224191>

## REFERÊNCIAS

- Agamben, giorgio. O que é o contemporâneo? Trad. Vinícius nicastro honesco. Chapecó: argos, 2010, p. 64-169.
- Bachelard, g. A poética do devaneio. Tradução, antonio de pádua danesi. São paulo: martins fontes, 1988.
- Bougnoux, daniel. Introdução às ciências da informação e da comunicação. Petrópolis: vozes, 1994.
- Butler, judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato aguiar. Rio de janeiro: civilização brasileira, 2003, p. 38.
- Cardoso, luís. O ano em que pigafetta completou a circum-navegação. 1.ed. Porto: sextante editora, 2013.
- Carmo, carina infante do. Adolescer em clausura: olhares de aquilino, régio e vergílio ferreira sobre o romance de internato. Viseu: universidade de algarve & centro de estudos aquilino ribeiro; eden gráfico, 1998. Pp.37-45.
- D’alte, pedro. Circum-navegação e timor. Leituras literárias da casa sagrada timorense, luís cardoso e pigafetta. In: e-revista de estudos interculturais do cei–iscap. N. 8, maio de 2020.
- Esperança, joão paulo. Estudos de linguística timorense. Aveiro: sul, 2001, pp. 145-148.
- Giovannetti, márcia de freitas. O sujeito e a lei. In: giselle câmara groeninga e rodrigo da cunha ferreira (orgs). Direita de família e psicanálise. Rio de janeiro: imago, 2003, p. 49.
- Joachim, sébastien. Poética do imaginário: leitura do mito. Recife: ed. Universitária da ufpe, 2010, 311 p.
- Noel, jean bellemin. Psicanálise e literatura. Tradução; álvaro lorencini e sandra nitri. São paulo: editora cultrix, 1978. 102 pp.